A PREFEITURA DA CIDADE DO RIO APRESENTA:

A MÃE

GÓRKI

BRECHT



A MÃE NÃO É UMA PEÇA ATUAL

A REVOLUÇÃO ESTÁ MORTA.
VIVA A REVOLUÇÃO!
Lênin

Bertolt Brecht é um companheiro de trabalho. Muito criticado, muito falado mas pouco conhecido. Alguns insistem em dizer que é chato. Talvez seja chato mesmo. Como ele próprio dizia, via-se dividido entre a macieira em flor e Hitler. Mas só o segundo o levava à escrivaninha. É claro que falar sobre as macieiras ou sobre os seios quentes das meninas é menos chato.

A MÃE não é uma peça atual. Não vivemos numa época revolucionária, a nossa bandeira não é mais vermelha. A foice e o martelo não existem mais. Parece que conceitos como esquerda e direita já são considerados anacrônicos. No nosso país um partido socialista está no poder. Um homem de esquerda é o nosso presidente. Além do mais, dizem que se a situação não está melhor para todos, para os mais pobres melhorou muito. Pelo menos é o que dizem.

Quem ganhou? Quem perdeu?

Para que remexer em certas questões?

Vivemos um período de normalidade democrática.

Democraticamente convivem no congresso ex-torturadores e ex-guerrilheiros.

Democraticamente a sociedade debate se a família Lamarca tem ou não direito a pensão.

Ainda temos que conviver - talvez tenhamos sempre - com indivíduos que não sabem viver nesses períodos. Talvez por isso tenham destruído o monumento aos sem-terra projetado por Niemeyer. Será que os sem-terra precisam de um monumento?

Por que será que o nosso presidente disse publicamente não conhecer uma das lideranças mais importantes deste movimento? Será relevante citar tais questões?

A MÃE não é uma peça atual. Fala de um tempo que passou. Onde as esperanças e os sonhos eram outros. Muitos anos nos separam. 1905 Gorki, 1917 a Revolução, 1931 Brecht, 1996 CIA ENSAIO ABERTO. É claro que tudo se transformou.

O que ainda nos resta fazer?

Luiz Fernando Lobo

BRECHT A NECESSÁRIA ATUALIDADE

Gerd Bornheim

Ouve-se amiúde a afirmação de que Marx não se considerava marxista. Pode até ser, mas desde que se tome a sua doutrina como um todo fechado, um sistema completo, passível até mesmo de ser reduzido a um pequeno catecismo de verdades gerais; por aí, realmente, Marx não poderia ser considerado marxista. Em outro nível, contudo, enquanto construtor de uma certa apreensão da realidade, que ele nunca parou de desenvolver e explorar, neste caso, para o autor de tal empresa, ser marxista não passa de expressão de fidelidade e coerência com a verdade de seu próprio pensamento, insista-se, sempre aberto e incapaz de colocar um ponto terminal em qualquer de seus temas.

Pois a mesma observação também pode ser feita a propósito de Bertolt Brecht. Não obstante o peso devassador do estalinismo que pairava sobre a cabeça do poeta justamente nos anos de sua produção mais madura, Brecht soube permanecer fiel às suas inquietações até o fim. Sua dramaturgia talvez tenha até deixado mais projetos do que trabalhos concluídos, e suas perquirições teóricas nunca encontraram a exposição completa relativa nem mesmo a um único momento de sua evolução. Claro que houve o inevitável projeto de escrever a doutrina por assim dizer definitiva. Mas Brecht permaneceu brechtiano até o fim: tanto que, em seus últimos anos, quando o edifício de sua obra já ostentava a majestade de um estilo que soubera construir-se em todas as suas medidas e em todas as suas minudências, no esplendor de uma cena que se queria obra de arte total - pois não é que precisamente neste momento Brecht põe-se a desmantelar a obra feita, a dizer de sua insatisfação com o próprio conceito de teatro épico? Brecht queria então tudo recomeçar, e inventar um novo teatro, apelidado por ele próprio de teatro dialético. Mas, para um criador, tudo isso pertence à ordem natural das coisas; idéias e realizações só são completas para aqueles que as vêem de fora. É que aquela incompletude radical, se se faz inteligível já ao plano da pesquisa simplesmente formal, serve às suas medidas últimas da leitura que o poeta faz de seu mundo - de um mundo, sublinhe-se bem, sempre em transformação.

Entende-se, por isso, que o caráter aberto do teatro brechtiano não possa deixar de prolongar-se até mesmo para além da vida do dramaturgo, que o ato de criação que constitui a montagem de um espetáculo continue ainda então exigindo esse desafio maior: que tudo se faça a partir da leitura de nosso mundo, da atualidade do atual. Tudo em Brecht é essencialmente antimuseu, e não faz nenhum sentido pretender retomar-lhe os textos com espírito da mera preservação de uma obra supostamente imortal. Brecht entendia os resultados de seu labor como integrando antes de tudo a eficácia de um instrumento. E isto leva a inferir que, no caso de uma montagem brasileira, o ponto de partida deva situar-se na preocupação com a nossa realidade, em saber problematizá-la adequadamente, e a partir daí fazer a escolha do texto de Brecht. Que adaptações cênicas e mesmo de linguagem se façam por vezes até mesmo necessárias, decorre simplesmente do cerne dos compromissos essenciais do próprio conceito de teatro épico.

Se os critérios se deixam filtrar pelo advérbio "hoje", cumpre examinar a dramaturgia de Brecht a partir desses

critérios. Não apenas no sentido de escolher entre textos que são dos melhores, e outros nem tanto; mas no sentido de que o hoje é instável, ele ondula em suas mutações, e um texto que neste momento preciso voltou a apresentar interesse, talvez deva permanecer, logo mais, no armário dos guardados a espera de outra oportunidade - ou de outra atualidade, se houver. Por aí, a autêntica obra de arte mostra-se essencialmente transitória. É evidente: os problemas que Brecht discute não poderiam comprazer-se em processos de auto-estima, eles querem ser superados, superação esta que traz consigo a obliteração do próprio teatro épico. Nada há de mais consentâneo com a condição histórica do homem do que uma certa forma de esquecimento seletivo, que se alicerça justamente nas exigências de novos e outros caminhos da criatividade humana. Faça-se, pois o elogio do efêmero.

Aceite-se o efêmero, mas nunca a recusa em bloco, indiscriminada. Os acontecimentos podem, sem dúvida, precipitar surpreendentemente a situação: - e a queda do muro, não invalida tudo? Não será a utopia que, irrealizada, deixa de funcionar como o acontecimento por trás do acontecimento fazendo desfalecer a cena? E há por vezes pressa, mormente por parte dos celebrantes das eternidades, em mudar logo a cenografia. O que sobra, portanto, de Brecht? Nem basta lembrar aqui o inconformismo do poeta com as ortodoxias das estíticas normativas, ou a sua já referida aptidão de reinventar caminhos, ou ainda, mais simplesmente, lembrar que o nosso dramaturgo não é autor de uma obra unívoca. Seja suficiente constatar que os problemas colocados por Brecht ao longo de suas peças estão longe de deixar o público indiferente, eles se impõem, desenvolvem o questionamento, aguçam o espírito crítico -são problemas não resolvidos. E qual o interesse em sepultá-los?

Entende-se, por isso, que o teatro brechtiano continue atuante e merecedor dos encômios de seu sempre numeroso público. O digno de nota está justamente no fato de que Brecht vem representando uma exceção entre os seus companheiros de geração. Realmente, se tomarmos os dramaturgos que lhe foram contemporâneos, quem é que subsiste? Samuel Beckett, sem dúvida, e entre nós, Nélson Rodrigues, e mais algumas metades. Mas onde estão as glórias que merecidamente habitavam os palcos parisienses - para ficarmos no exemplo da França , tais como Giraudoux, Anouilh, Claudel, para citar apenas alguns nomes de primeira linha? Hoje, as montagens de suas peças são escassíssimas e se fazem cada vez mais raras. É dentro desse panorama que o nome de Brecht sobressai sem nenhum favor. Observo, para concluir, que de certa forma o nome de Brecht é como que promovido por uma vantagem que faz dele um caso realmente singular: é que se trata do maior teórico do teatro em todos os tempos. Um Artaud seja talvez até mais radical, mas é em tudo mais escasso e quase que adstrito à utopia. Sem dúvida, Brecht não é um teórico na acepção técnica da palavra, ele nada apresenta de comum com a pesquisa digamos acadêmica; os seus sete volumes de meditação teórica, acrescidos ainda por largas fatias do seu diário de trabalho constituem, claro está , um bloco impressionante, ainda que tudo se mostre como que a meio caminho, fragmentos anotados no geral a propósito de um detalhe, de uma cena, de uma interpretação, de uma crítica e por aí afora. Mas, nestes textos, a discussão se faz longa, minuciosa, sempre amparada na prática, e o resultado geral nem poderia ser outro: Brecht é único por ter reinventado o teatro em praticamente todas as suas dimensões. E dificilmente um diretor de cena conseguirá furtar-se ao inteligente e criativo cabedal de propostas que Brecht oferece: o diálogo, a discussão acabam acontecendo - quiçá subvertendo.

O ANJO TORTO

EMIR SADER

Marx dizia que a revolução era como uma "velha toupeira", que circula incessantemente por baixo da terra, sem que se perceba sua trajetória, até que, de repente, irrompe bruscamente na superfície. Com isso queria dizer que, apesar de períodos de calmaria, a luta de classes - considerada por ele como o "motor da história" - não se detinha e surpreendia a muitos, reiteradamente, pelos lugares e formas que assumia.

Nem Marx poderia supor onde seria a primeira irrupção da velha toupeira. O primeiro país onde os trabalhadores tomaram o poder não foi nenhuma das potências capitalistas, nem estava no coração da Europa desenvolvida; nem foram os Estados Unidos em rápido desenvolvimento. Foi a Rússia. País que combinava uma estrutura social agrária atrasada com um Estado com pretensões de compartilhar do butim colonial, a Rússia se transformou no que o marxista e principal dirigente da Terceira Internacional, Lênin, chamou de "elo mais fraco da cadeia imperialista".

JOSÉ GENOINO

Chegou a haver enfrentamentos com a polícia?

Chegou, sim. Tivemos em uma das manifestações, foram várias, não me lembro quantas, mas numa delas tínhamos decidido começar a passeata na Praça José de Alencar. A polícia anunciou que não haveria passeata. Cercou a praça. Quer dizer, nós não podíamos entrar na praça em massa. Aí tivemos de diluir, dispersar o pessoal em grupos e entrar lá dentro, sem ser em passeata, para montar a passeata dentro da praça e aí romper o cerco. E funcionou perfeitamente. O pessoal entrou normalmente, de ônibus, andando. O grupo de autodefesa tinha preparado coquetéis molotov e entrou na praça com eles dentro de carrocinhas de sorvete. Daí quando sentimos que já havia bastante gente lá, alguém subiu na estátua do José de Alencar, deu um grito, que era o que a gente combinava para o pessoal se juntar, aí o pessoal dos coquetéis molotov entrou em ação, abriram duas ruas para a gente sair e lá fomos nós por elas. Ou seja, a polícia cercou a praça mas nós entramos lá. Entramos — e saímos — com o nosso esquema de organização.

Os pais tinham fugido para o Norte. Naquele tempo, a revolução e ele eram recém-nascidos. Um quarto de século depois, Nelson Valdés viajou de Los Angeles a Havana, para conhecer seu país. A cada meio-dia, Nelson tomava o ônibus, a *guagua 68*, na porta do hotel, e ia ler livros sobre Cuba. Lendo passava as tardes na biblioteca José Martí, até que a noite caía.

Naquele meio-dia, a *guagua 68* deu uma tremenda freada num cruzamento. Houve gritos de protesto, pela tremenda sacudida, até que os passageiros viram o motivo daquilo tudo: uma mulher muito exuberante, que tinha atravessado a rua.

- Me desculpem, cavalheiros - disse o motorista da *guagua 68*, e desceu. Então todos os passageiros aplaudiram e lhe desejaram boa sorte.

O motorista caminhou balançando, sem pressa, e os passageiros viram como ele se aproximava da maravilha que estava na esquina, encostada no muro, lambendo um sorvete. Da *guagua 68* os passageiros seguiam o ir-e-vir daquela lingüinha que beijava o sorvete enquanto o motorista falava sem resposta, até que de repente ela riu, e brindou-lhe um olhar. O motorista ergueu o polegar e todos os passageiros lhe dedicaram uma intensa ovação.

Mas quando o chofer entrou na sorveteria, produziu-se uma certa inquietação generalizada. E quando depois de um instante saiu com um sorvete em cada mão, espalhou-se o pânico nas massas.

Tocaram a buzina. Alguém grudou-se na buzina com alma e vida, e tocou a buzina como alarme de roubos ou sirena de incêndios; mas o motorista, surdo, continuava grudado na maravilha.

Então avançou, lá do fundo da *guagua 68*, uma mulher que parecia uma bala de canhão e tinha cara de mandona. Sem dizer uma palavra, sentou-se no assento do chofer e ligou o motor. A *guagua 68* continuou sua rota, parando nos pontos habituais, até que a mulher chegou no seu próprio ponto e desceu. Outro passageiro ocupou seu lugar, durante um bom trecho, de ponto em ponto, e depois outro, e outro, e assim a *guagua 68* continuou até o fim.

Nelson Valdés foi o último a descer. Tinha esquecido a biblioteca.

CRÔNICA DA CIDADE DE HAVANA

Eduardo Galeano

O LIVRO DOS ABRAÇOS

CARTA AO AMIGO OSMARINO

HERBERT DE SOUZA

IN ESCRITOS INDIGNADOS

Hoje, amigos comuns me deram notícias de Brasiléia. Não foi preciso muito detalhe, para perceber que ela está chegando. Sei perceber quando ela se aproxima. Conheço sua cara, o silêncio de seus passos, o repente de seu ataque, suas astúcias. A morte, como você sabe, é minha velha conhecida.

Você sabe que vão te matar, como eu sei que vou morrer. Você sabe quem vai te matar, conhece seu rosto interposto na pele de um matador de aluguel, como eu sei que ficarão impunes. Você sabe que não impedirão tua morte, como eu sei que depois todos correrão para ver teu corpo cercado de futuras vítimas, amigos que aqui choramos tua ausência.

Mas, na mesma noite, o presidente Collor dará ordens para apurar os fatos com todo rigor. O ministro Cabral dirá que o peso da lei esmagará os culpados. Tuma dará prazos para a Polícia Federal encontrar os culpados, mesmo que tenha que descer aos infernos, dentro e fora do país. Lutzenberger ameaçará renunciar, tendo as mãos cheias de telegramas de entidades internacionais. As televisões farão teu necrológio amazônico e alguns produtores comprarão os direitos autorais de tua morte. Tudo igual ao Chico Mendes, Osmarino.

No Brasil é assim, Osmarino. Tudo é muito mais importante depois que se perde. A vida só tem valor depois de morta. O amor só é reconhecido depois da partida. Você, vivo, é um simples seringueiro como todos os outros, cujo destino é viver sem futuro. Você morto é notícia internacional, vira gente, adquire cidadania, importância, revive da morte, desperta a solidariedade que infelizmente só chega para o enterro. Aqui, somos todos cúmplices das mortes anunciadas, como a tua.

Na última conversa que tivemos, eu sabia que ela estava já montada nas suas costas, porque você estava decidido a viver junto com teus companheiros, a não pedir asilo nas cidades, a não abandonar tua grande família e eu sabia que ninguém nessa República iria desmontar a indústria do assassinato a tempo de salvar a tua vida. Não porque não possam, mas porque não querem.

Assim mesmo, tentei dizer que não via sentido em líder morto, dado que o fundamental é o movimento. Mas no seu olhar brilhava uma estrela voltada para outro norte, onde lutar pela própria vida não afasta a solidariedade para todos os demais. Eu já vi essa luz em outros olhos. Seu espelho é Chico Mendes.

Por isso nada mais me resta que escrever esta carta para te dar um abraço, enquanto a vida ainda nos coloca lado a lado, na esperança que o Estado que deveria existir para proteger os direitos e a vida de todos os cidadãos, faça algo para deter a mão que irá lhe matar. Quem sabe eles dessa vez não chegam antes?

18/05/90

tirando O CAPUZ

Álvaro Caldas

A guerra de 1914/1918 não foi um conflito nacionalista ou imperialista como a historiografia costuma afirmar. Foi uma guerra de banqueiros e de elites empresariais, entre detentores da riqueza e os detentores do trabalho, em que a xenofobia e a chamada "união sagrada" nada mais eram do que bandeiras assinalando a interdição de qualquer tentativa de união dos proletários do mundo inteiro.

Otoni Araújo

No momento final dos preparativos que antecediam a chamada para a visita, eu decorava os assuntos que precisava conversar. Como não era permitido levar nada por escrito, a solução era decorar, andando pela cela e martelando na cabeça os vários assuntos anotados cuidadosamente durante a semana, os recados que deveriam ser passados para outras famílias, a lista do material que estava em falta na cela. Mas a visita era também um local para ouvir, porque com o isolamento, com a proibição de rádios e jornais, o mundo estava se transformando numa bola desconhecida. Numa tentativa de nos aproximarmos dessa bola, tivemos a idéia de dividir o mundo mais ou menos de acordo com os critérios adotados pelas editorias dos jornais: economia, subversão, internacional, política, esportes. As famílias, mães e companheiras - porque essa é uma missão para mães e companheiras, e mais ninguém - especializavam-se numa dessas áreas, liam tudo durante a semana para nos trazer as novidades no dia da visita. De volta à cela sentávamos em torno da grande mesa de pedra e tinha início uma espécie de reunião de editores para fechamento do jornal: mas as notícias do mundo nos chegavam com um valor diferente, distante, era como se estivéssemos editando um jornal sobre a terra para circular em marte. O mundo não nos pertencia, nem espectadores éramos, tínhamos as notícias de segunda mão - e isso quando era possível tê-las.

O nosso nível de informação nunca chegou a ser bom devido à constante irregularidade no clima das visitas. O aparato mobilizado a cada saída da cela era de intimidar os visitantes - apenas as crianças se divertiam diante das metralhadoras de verdade e dos canhões, relíquias de guerra, colocados em exposição no pátio. Nós tínhamos que fazer de conta que aquele aparato bélico não existia, que aquele era um banco de jardim na praça Paris. Pois acima de tudo era preciso ser objetivo, o tempo de visita já estava correndo, cronometrado, e você tinha que perguntar pelos filhos, saber de suas últimas descobertas e de sua adaptação na escola; intervir nos problemas de família, pelo menos preocupar-se com a falta de dinheiro para as compras e acompanhar a mulher, brigar pela relação ali dentro. Decididamente, duas horas por semana era muito pouco, mesmo que aquele banco estivesse na praça Paris, numa tarde vadia de sábado.

A REVOLUÇÃO DOS "PÉS ALPERCATA"

Antonio Veronese

Há duas semanas entrei no Congresso Nacional acompanhado de 300 peões e do líder deles, José Rainha Júnior. Foi uma invasão pacífica da suprema casa legislativa do país. Lá, num privilegiado espaço criado por Oscar Niemeyer, instalamos, em caráter definitivo, o políptico Tensão no Campo, um óleo de oito metros que pintei entre outubro e março passados.

Há uma revolução em curso no país, ainda que nós, nos grandes centros urbanos, não nos demos conta disso. Uma revolução com mais envolvidos que a Revolução Francesa, e cujos ideais não são distintos desta. Uma revolução que consegue escapar da velha retórica esquerda-direita, pois que dotada de inquestionável lastro humanitário que lhe empresta força e autenticidade, acima das questões ideológicas.

A condenação desse processo à luz do receituário neoliberal e das questões estritas de investimento e de política de Estado me parece precipitada. Para os sem-terra o horizonte é mais pé-no-chão e menos teórico. A luta deles é a de vencer cada novo dia, atender às necessidades dos filhos e tentar seguir em frente contra todas as adversidades.

Comove-me a determinação desses revolucionários caipiras que, sem dar um só tiro, assentaram 145.000 famílias (quase 1% da população do país) em 1.564 frentes distintas, numa área de quase 7 milhões de hectares (maior que a dos estados do Rio e de Sergipe) e que mantêm, atualmente, 44.000 outras famílias acampadas em áreas provisórias. Um movimento que, tão logo se apossa de uma nesga de terra, trata de levantar uma escola e plantar um pé de mandioca. Quem criteriosamente opta por terras devolutas e improdutivas e, quando se equivoca nesta avaliação, ordeiramente submete-se às determinações da Justiça. Ainda assim sua utopia não parece repercutir entre nós.

Também sou caipira, do interior de São Paulo. Morei em casa de colônia de fazenda, com chão de terra batida, fossa e água de poço. Sei da determinação e do estoicismo dessa gente que não enjeita trabalho. Aprendi que, o homem passa até sem comer carne, mas não consegue viver sem esperança.

Infelizmente a questão está em muito agravada pelo governo, que na sua omissão e letargia, permite que o eixo do conflito se dê entre proprietários e sem-terras. Decorrem daí os desvios que ocasionalmente eviam o processo, alimentando as críticas e favorecendo à polêmica.

Mas, na sua essência, o pleito do MST é inquestionavelmente justo e procedente. Procurar associá-lo exclusivamente ao PT e a segmentos mais radicais da esquerda é um simplismo maniqueísta. Na verdade o que move essa gente é o "estado de necessidade", e nesta medida são bem-vindos todos os que possam trazer apoio e engrossar suas fileiras. E a Igreja e o PT têm estado presentes quando se fez necessário.

SOBRE A AGONIA DA ESQUERDA CARIOCA

Marceu Vieira

No breve tempo que separou o fim do regime militar da ascensão de Fernando Collor, sobreviveu no inconsciente do brasileiro a divisão direita-esquerda. Não raro, até esquerda-esquerda. Sobretudo no Rio de Janeiro.

Nesse tempo, campanha eleitoral despertava emoções. Escapava do universo fechado dos partidos. Virava assunto de balcão de botequim. Em domingo de sol como o de ontem, estava nas praias.

A hegemonia dessa emoção era da esquerda. Das muitas esquerdas.

O tempo passou e, no mundo inteiro, as virtudes consagradas da esquerda foram se esfarelando. Mas, ainda assim, Terra afora, a esquerda sobreviveu. Na Itália, por exemplo, os comunistas aboliram a foice e o martelo da bandeira, mas não perderam a pujança. A China continuou sendo a potência que é.

Registre-se ainda a volta de um socialista ao posto de primeiro-ministro, em Portugal.

Enfim, em todo o mundo, embora ferida, e quase sempre pelos próprios erros, a esquerda sobrevive. Perde aqui, recupera-se ali, mas sobrevive.

No Brasil, e em particular no Rio, essa conta é diferente. Olhe-se para esta e para as últimas eleições. Aqui, sem querer ofender ninguém - se há quem ainda se ofenda com isso -, grande parte da esquerda que prosperou virou direita. Ou ramal auxiliar da direita.

César Maia foi comunista e exilou-se no Chile de Allende. Hoje, governa o Rio sob a bandeira do PFL, partido filho do regime que o expulsou do Brasil nos anos da repressão. Na mesma época, o advogado Marcello Alencar defendia perseguidos. Hoje, como governador, muitas vezes se deixa vencer por idiossincrasias políticas para se aliar aos perseguidores do passado. É do jogo.

Às vezes, parece estar no museu da memória o tempo da esquerda brasileira. E a caminho da mesma prateleira também parece estar o desempenho de seus sobreviventes na eleição para prefeito do Rio.

Com 4% nas pesquisas, o professor Chico Alencar, do PT, diz que a esquerda perdeu o sonho e a generosidade. Teria sido derrotada, acredita, pela lógica cruel do capitalismo. Chico acha que é preciso reinventar este sonho. Diz que ou a esquerda redefine seus paradigmas, ou será eterna refém de seu gueto presa ao passado e à raiz de sua história.

Dias atrás, desembarcou de Moscou, depois de um mês de férias, a jovem Zóia Prestes. Foi olhar o que resta de comunismo na Rússia, terra onde se criou na carona do destino do pai, o líder comunista Luís Carlos Prestes.

Zóia voltou emocionada. Na Rússia, constatou, os comunistas perderam o poder, mas não a força. Volta e meia, lembra, ameaçam voltar ao poder pelas urnas. Como agora, quando quase derrotaram Yeltsin.

Mas a emoção de Zóia se espatifou no desembarque. Chegou com a notícia de que a eleição para prefeito do Rio, cidade onde hoje vive, está marcada pelo fracasso da esquerda. Saiu com Miro na frente. Voltou com Miro lá atrás. Miro e toda a esquerda.

Com as próprias palavras, Zóia repete a tese de Chico Alencar sobre o resgate do sonho. Mas se entristece por não saber onde ou como resgatá-lo.

Em tempo: todos os candidatos a prefeito do rio tiveram, um dia, ligação com a esquerda. Até mesmo Conde, do PFL, foi comunista.

TRABALHADORES do ESPETÁCULO

Autor : Bertolt Brecht

Tradução : João das Neves

Dramaturgia : Otoni Araújo

Direção de produção : Tuca Moraes

Direção Musical : Felipe Radicetti

Arquitetura cênica : Cláudio Moura

Figurinos : Teca Fichinski

Iluminação : Paulo César Medeiros
Jamile Tormann

Divulgação : Sandra Vilela

Fotografias : Antônio Augusto Fontes

Programação Visual : Tira Linhas Studio

Preparação vocal : Débora Garcia

Assistente de direção : Daniela Maciel
Fernando Albano

Assistente de produção : Cristina Tozzi

DIREÇÃO

LUIZ FERNANDO LOBO

Assistente de cenografia : Milena Vugman

Assistente de figurino : Aline Cabral

Cenotécnica : Humberto Silva e equipe

Serralheiros : Leonardo Áquila Gomes
Armindo Martins

Costureiras : Nidi Oliveira e equipe

Trabalho em couro : Rosemiro Carvalho

Adereços : Eliana Maria Costa Alves

ELENCO

CIA. ENSAIO ABERTO

Adélia Lázari

Cláudio Basttos

Cristina Tozzi

Daniella Lisboa

Daniela Maciel

Eduardo Rohde

Fernando Albano

Luiz Fernando Lobo

Marcelo Gonçalves

Martha Moreira Lima

Pablo Sobral

Rafael Salgado

Renato Reston

Sérgio Menezes

Tuca Moraes

ATORES CONVIDADOS

THELMA RESTON
MARCELO ESCOREL

PIANO

Ricardo Cotrim

SAX

Luciano Carvalho



Chicago está cheia de fábricas. Existem fábricas até no centro da cidade, ao redor do edifício mais alto do mundo. Chicago está cheia de fábricas, Chicago está cheia de operários.

Ao chegar ao bairro de Heymarket, peço aos meus amigos que me mostrem o lugar onde foram enforcados, em 1886, aqueles operários que o mundo inteiro saúda a cada primeiro de maio.

- Deve ser por aqui - me dizem. Mas ninguém sabe. Não foi erguida nenhuma estátua em memória dos mártires de Chicago nem na cidade de Chicago. Nem estátua, nem monolito, nem placa de bronze, nem nada.

O primeiro de maio é o único dia verdadeiramente universal da humanidade inteira, o único dia no qual coincidem todas as histórias e todas as geografias, todas as línguas e as religiões e as culturas do mundo; mas nos Estados Unidos o primeiro de maio é um dia como qualquer outro. Nesse dia, as pessoas trabalham normalmente, e ninguém, ou quase ninguém, recorda que os direitos da classe operária não brotaram do vento, ou da mão de Deus ou do amo.

Após a inútil exploração de Heymarket, meus amigos me levam para conhecer a melhor livraria da cidade. E lá, por pura curiosidade, por pura casualidade, descubro um velho cartaz que está como que esperando por mim, metido entre muitos outros cartazes de música, rock e cinema.

O cartaz reproduz um provérbio da África: *Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçadas continuarão glorificando o caçador.*

A DESMEMÓRIA

O LIVRO DOS 4 ABRAÇOS

EDUARDO GALEANO

STALINISMO E BOLCHEVISMO



Épocas reacionárias como a nossa não apenas desintegram e enfraquecem a classe operária, isolando a sua vanguarda, como também abaixam o nível ideológico geral do movimento, levando o pensamento político a estágios há muito ultrapassados. Nestas condições a tarefa da vanguarda reside acima de tudo em não se deixar levar pelo refluxo: precisa nadar contra a corrente. Se uma relação de forças desfavorável a impede de manter as posições políticas conquistadas, é necessário pelo menos manter as posições ideológicas, porque nelas se espelha a valiosa experiência do passado.

Os tolos considerarão esta política "sectária". De fato é a única maneira de se preparar para um tremendo avanço com o advento da nova maré da história.

Grandes derrotas políticas provocam a reconsideração de valores que ocorrem geralmente em duas direções. Por um lado a verdadeira vanguarda, que enriquecida pela experiência da derrota, defende com unhas e dentes o patrimônio do pensamento revolucionário, se esforçando em educar sobre esta base novos quadros para a luta de massas que está por vir. Por outro lado os rotinistas, centristas e diletantes, amedrontados pela derrota, fazem o possível para destruir a autoridade da tradição revolucionária, retrocedendo em busca da "Nova Palavra".

Leon Trotsky

1937



A tempestade nos GELA

quem vai RESISTIR a ela?

QUEM FICA?

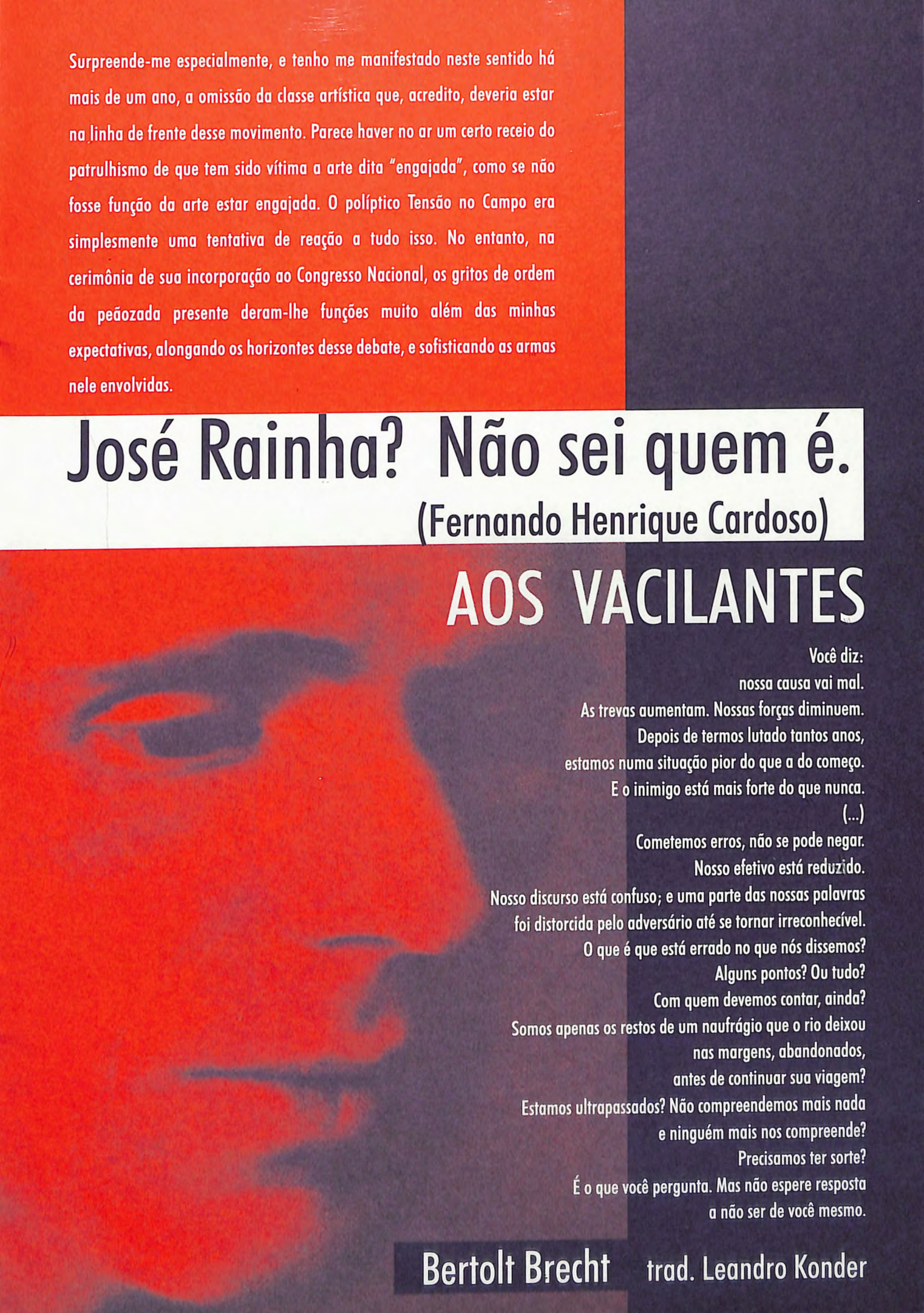
a terra, as pedras e os pobres

(Bertolt Brecht, Gesammelte, p 1149)
Tradução Leandro Konder

Surpreende-me especialmente, e tenho me manifestado neste sentido há mais de um ano, a omissão da classe artística que, acredito, deveria estar na linha de frente desse movimento. Parece haver no ar um certo receio do patrulhismo de que tem sido vítima a arte dita "engajada", como se não fosse função da arte estar engajada. O políptico Tensão no Campo era simplesmente uma tentativa de reação a tudo isso. No entanto, na cerimônia de sua incorporação ao Congresso Nacional, os gritos de ordem da peãozada presente deram-lhe funções muito além das minhas expectativas, alongando os horizontes desse debate, e sofisticando as armas nele envolvidas.

José Rainha? Não sei quem é.

(Fernando Henrique Cardoso)



AOS VACILANTES

Você diz:
nossa causa vai mal.
As trevas aumentam. Nossas forças diminuem.
Depois de termos lutado tantos anos,
estamos numa situação pior do que a do começo.
E o inimigo está mais forte do que nunca.
(...)
Cometemos erros, não se pode negar.
Nosso efetivo está reduzido.
Nosso discurso está confuso; e uma parte das nossas palavras
foi distorcida pelo adversário até se tornar irreconhecível.
O que é que está errado no que nós dissemos?
Alguns pontos? Ou tudo?
Com quem devemos contar, ainda?
Somos apenas os restos de um naufrágio que o rio deixou
nas margens, abandonados,
antes de continuar sua viagem?
Estamos ultrapassados? Não compreendemos mais nada
e ninguém mais nos compreende?
Precisamos ter sorte?
É o que você pergunta. Mas não espere resposta
a não ser de você mesmo.

Bertolt Brecht trad. Leandro Konder

A IGNORÂNCIA QUE NOS OPRIME

A tragetória de Pelagea Wlassova é simples.

O texto de Brecht é claríssimo.

A montagem de "A Mãe" pela Companhia Ensaio Aberto coerentemente põe à margem a complexidade. Todos elementos cênicos se fundem numa única narrativa.

Esta simplicidade no entanto não é em absoluto um disfarce para a univocidade ou linearidade. O espetáculo discute fundamentalmente o processo de decisões que levam um pensamento pequeno e estéril a compreender cada vez com mais força a necessidade da revolução.Isto garante à peça um lugar definitivo no repertório do teatro político.

"Eu só não notei mesmo é que podíamos ter feito algo contra."

Nem Hegel nem Feuberbach. Nenhuma formulação mais abstrata. A origem seminal do marxismo de Pelagea Wlassova encontra-se na sopa de má qualidade dada a seu filho, nas dificuldades em pagar o aluguel ou no confisco salarial. Fatos quotidianos e universais na vida de qualquer operário no mundo capitalista.

"Ler, isto é luta de classes."

Pelagea Wlassova é uma panfletária. Ela percebe que não basta ler, é necessário dar um sentido e uso à leitura, é preciso dar o que ser lido. No princípio tudo era feito por amor ao filho, depois a seus companheiros e finalmente a toda a classe operária. Pelagea Wlassova é uma revolucionária.

Nestes dias em que o "capitalismo selvagem" dos anos 60 é rebatizado como "neo-liberalismo" e o "fim da história" é decretado, tudo isto sob o manto da quase unanimidade, que pergunta nos fazemos? Será que a resposta a esta encenação ficará limitada a uma furtiva lágrima de alguns saudosistas, já passados dos cinqüenta, ao ouvirem o hino da Internacional? Ou quem sabe um silencioso respeito a memória dos revolucionários desaparecidos? Que reações adversas ou simpáticas? Nada disto nos assusta pois uma coisa sabemos com certeza: este espetáculo deve ser visto, criticado, aplaudido ou contestado, mas não ignorado pois

"a ignorância, ela é o que nos oprime."

Pelagea Wlassova

Otoni Araújo

MARCHAL BERMAN

TUDO QUE É SÓLIDO NO DESMANCHA AR

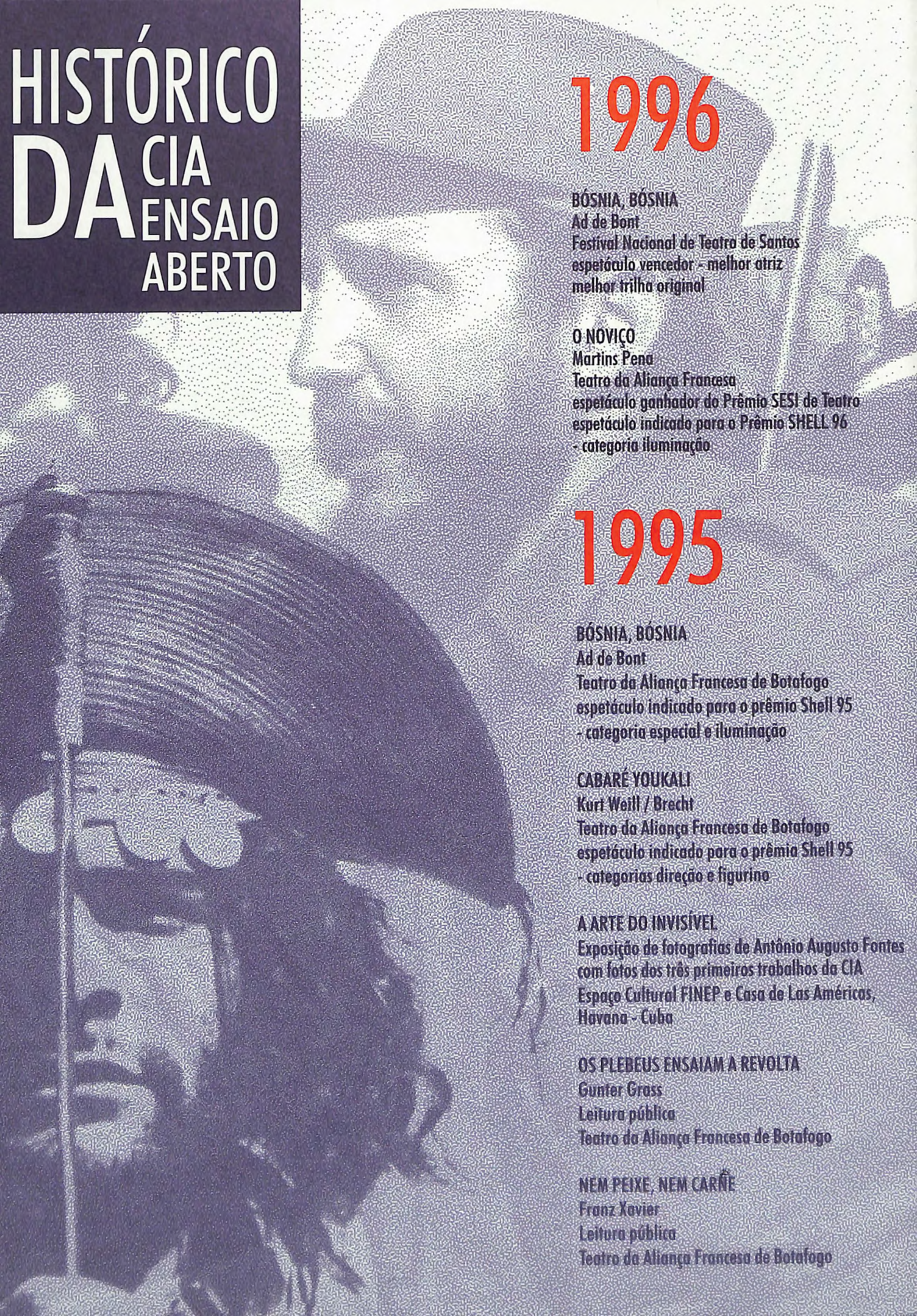
A sociedade burguesa, através de seu insaciável impulso de destruição e desenvolvimento e de sua necessidade de satisfazer às insaciáveis necessidades por ela criadas, produz inevitavelmente idéias e movimentos radicais que almejam destruí-la. Mas sua própria necessidade de desenvolvimento habilita-a a negar suas negações internas: ela se nutre e se revigora daquilo que se lhe opõe, tornando-se mais forte em meio a pressões e crises do que em tempos de paz, transforma inimizade em intimidade e detratores em aliados involuntários.



As atrocidades podem ser esquecidas
Os que foram assassinados podem desaparecer na vala comum
As testemunhas podem ser reduzidas ao silêncio
E a injustiça pode prevalecer, mesmo sendo injustiça.
A opressão se senta à mesa e se lança à refeição
Com mãos ensanguentadas.
Mas aqueles de quem a comida foi roubada
Não esquecem a sensação do pão na boca. E a fome deles não desaparece
Quando a palavra fome é proibida.

(Bertolt Brecht, G.S., p 502)
Tradução Leandro Konder

HISTÓRICO DA CIA ENSAIO ABERTO



1996

BÓSNIA, BÓSNIA
Ad de Bont
Festival Nacional de Teatro de Santos
espetáculo vencedor - melhor atriz
melhor trilha original

O NOVIÇO
Martins Pena
Teatro da Aliança Francesa
espetáculo ganhador do Prêmio SESI de Teatro
espetáculo indicado para o Prêmio SHELL 96
- categoria iluminação

1995

BÓSNIA, BÓSNIA
Ad de Bont
Teatro da Aliança Francesa de Botafogo
espetáculo indicado para o prêmio Shell 95
- categoria especial e iluminação

CABARÉ YOUKALI
Kurt Weill / Brecht
Teatro da Aliança Francesa de Botafogo
espetáculo indicado para o prêmio Shell 95
- categorias direção e figurino

A ARTE DO INVISÍVEL
Exposição de fotografias de Antônio Augusto Fontes
com fotos dos três primeiros trabalhos da CIA
Espaço Cultural FINEP e Casa de Las Américas,
Havana - Cuba

OS PLEBEUS ENSAIAM A REVOLTA
Gunter Grass
Leitura pública
Teatro da Aliança Francesa de Botafogo

NEM PEIXE, NEM CARNE
Franz Xavier
Leitura pública
Teatro da Aliança Francesa de Botafogo

1994

O CEMITÉRIO DOS VIVOS
Adaptação da obra de Lima Barreto por João Batista
2ª Edição
Teatro Carlos Gomes
Temporada de 5 meses com vendas exclusivas para escolas e universidades

O HOMEM IMORTAL
Luiz Alberto Abreu
Leitura pública
SESC Tijuca e São João do Meriti

1993

A MISSÃO
Heiner Muller
Paço Imperial

PROJETO QUEM GRITARÁ POR NÓS
Ciclo de filmes e palestras
Paço Imperial

PIERRÔ SAIU À FRANCESA
Luiz Carlos Saroldi
Teatro Nelson Rodrigues

O CEMITÉRIO DOS VIVOS
Adaptação da obra de Lima Barreto por João Batista
Palácio da Praia Vermelha

PROJETO A REPÚBLICA DOS EXCLUÍDOS
Ciclo da UFRJ - Palácio da Praia Vermelha
Biblioteca Nacional

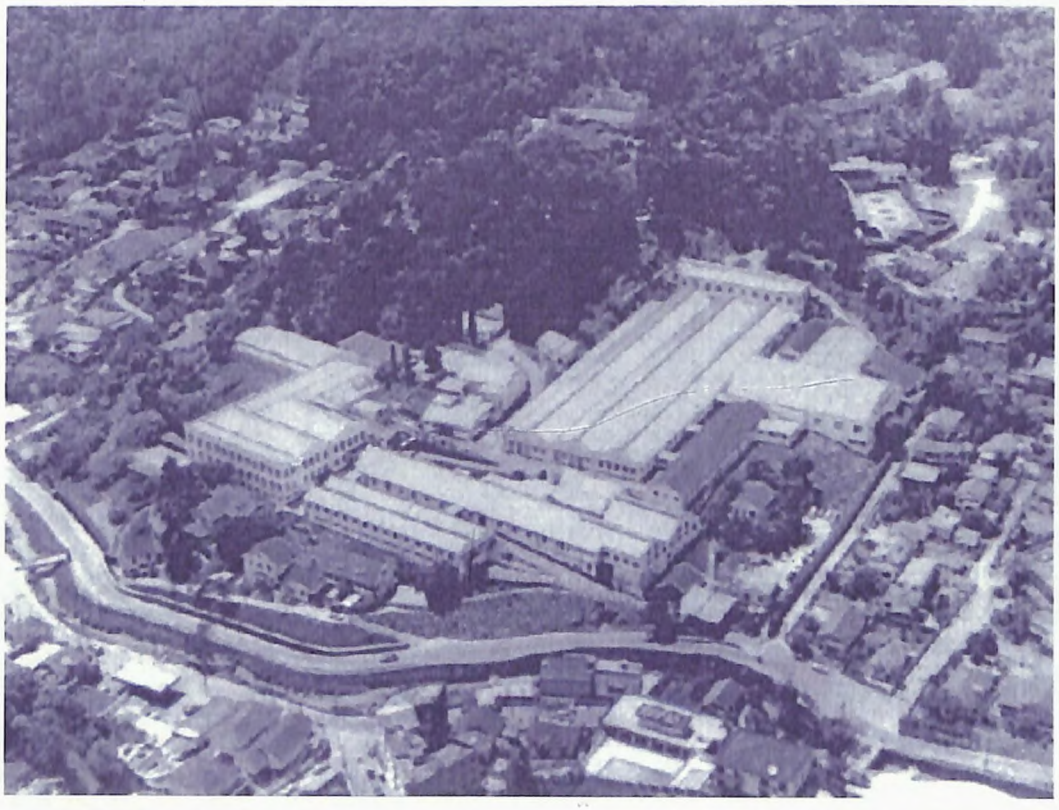
PIERRÔ SAIU À FRANCESA
Luiz Carlos Saroldi
Leitura pública
Casa da Gávea

A MÃE
ESTREIOU NO DIA 02 DE NOVEMBRO DE 1996
NO TEATRO DA ALIANÇA FRANCESA
DE BOTAFOGO - TEL.: (021) 286-8146

cia
ensaio aberto
(021) 268-9277

TODOS OS TECIDOS NOBRES DOS FIGURINOS
FORAM FORNECIDOS POR

WERNER - Petrópolis/RJ



Werner
tecidos
PETROPOLIS · RJ

Criando e produzindo tecidos nobres desde 1904

WERNER FÁBRICA DE TECIDOS

A WERNER sempre apoiando a cultura de nosso teatro do Rio.

PATROCÍNIO:

PREFEITURA RIO CIDADE MARAVILHOSA

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

APOIO:

Alliance Française

GOETHE-INSTITUT

WASH W·A·Y OCEAN. CA & SANTEIRO LAVANDERIA

BANZAI

Lincoln Ralphy FOR HAIR TREATMENT

A GUITARRA DE PRATA
Instrumentos de Música

FILIPERSON
PAPÉIS ESPECIAIS

FUNARTE

ESTÚDIO Nova Onda

TELERJ

TÉCNICA E CHARME
Lunetterie
IPANEMA·S.CONRADO
F.MALL

FOTOLITO
Dressa Color
263-8240

VIVARTE

CASAS BETHOVEEN

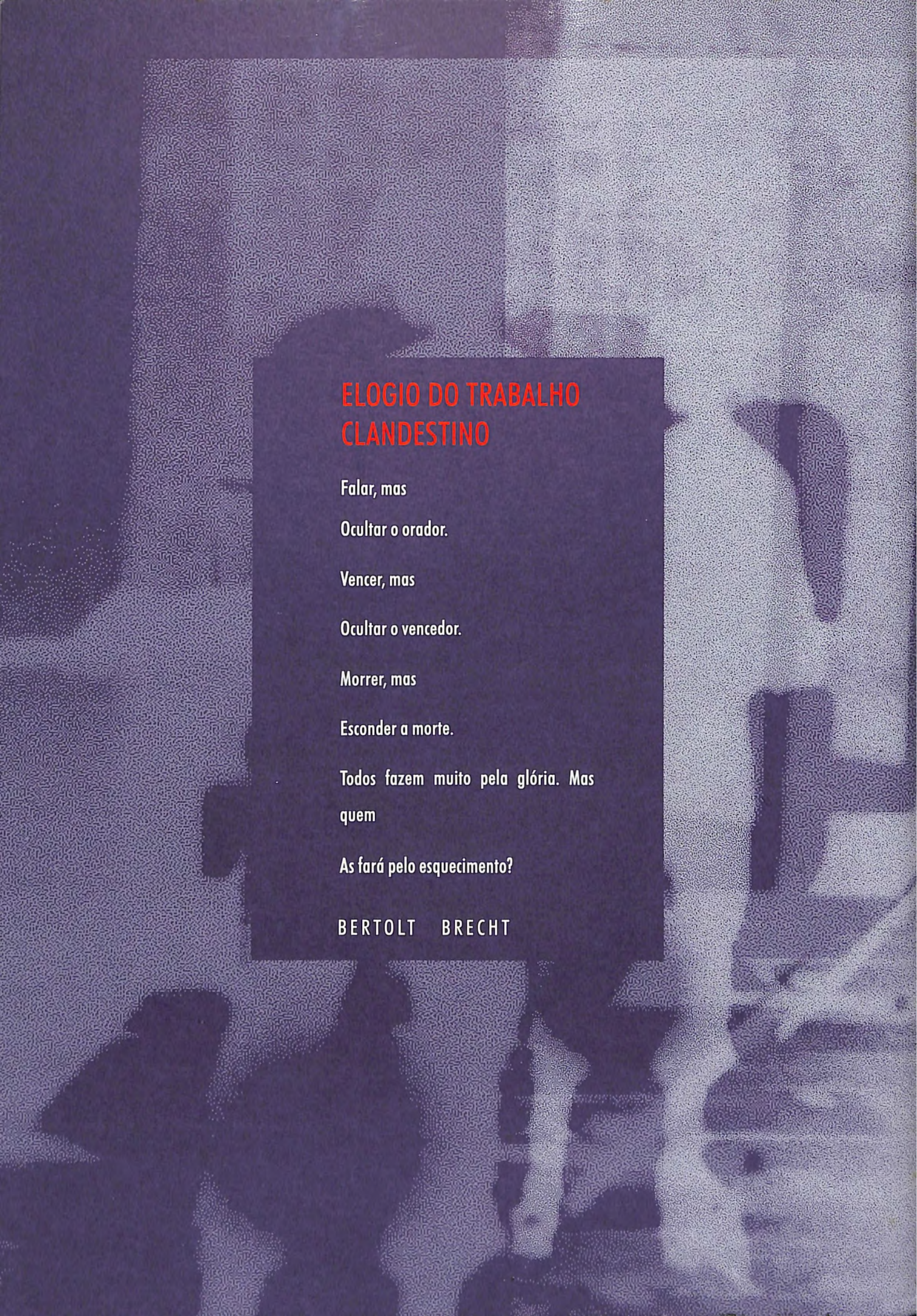
QUANTA

FARJAN
PROD. ARTÍSTICAS

AGRADECIMENTOS:

LEANDRO KONDER, JORNAL O GLOBO, BERNARD DUGENÊT, ROLAND COUBISIER, BENEDITO SILVA, ORLANDO BORGES, YVES PEREZ, PHILIPPE ARIAGNO, SOLANGE DE ALBUQUERQUE, TEREZA DE JESUS ALBUQUERQUE, PAULO DE TARSO, GERD BORHEIN, APOLÔNIO DE CARVALHO, RENÊ DE CARVALHO, ÉDINA FUJII, MARCEU VIEIRA.

PROJETO GRÁFICO: TIRA-LINHAS STUDIO • GRÁFICA BARBIERI • FOTOLITO DRESSA COLOR



ELOGIO DO TRABALHO CLANDESTINO

Falar, mas

Ocultar o orador.

Vencer, mas

Ocultar o vencedor.

Morrer, mas

Esconder a morte.

Todos fazem muito pela glória. Mas quem

As fará pelo esquecimento?

BERTOLT BRECHT